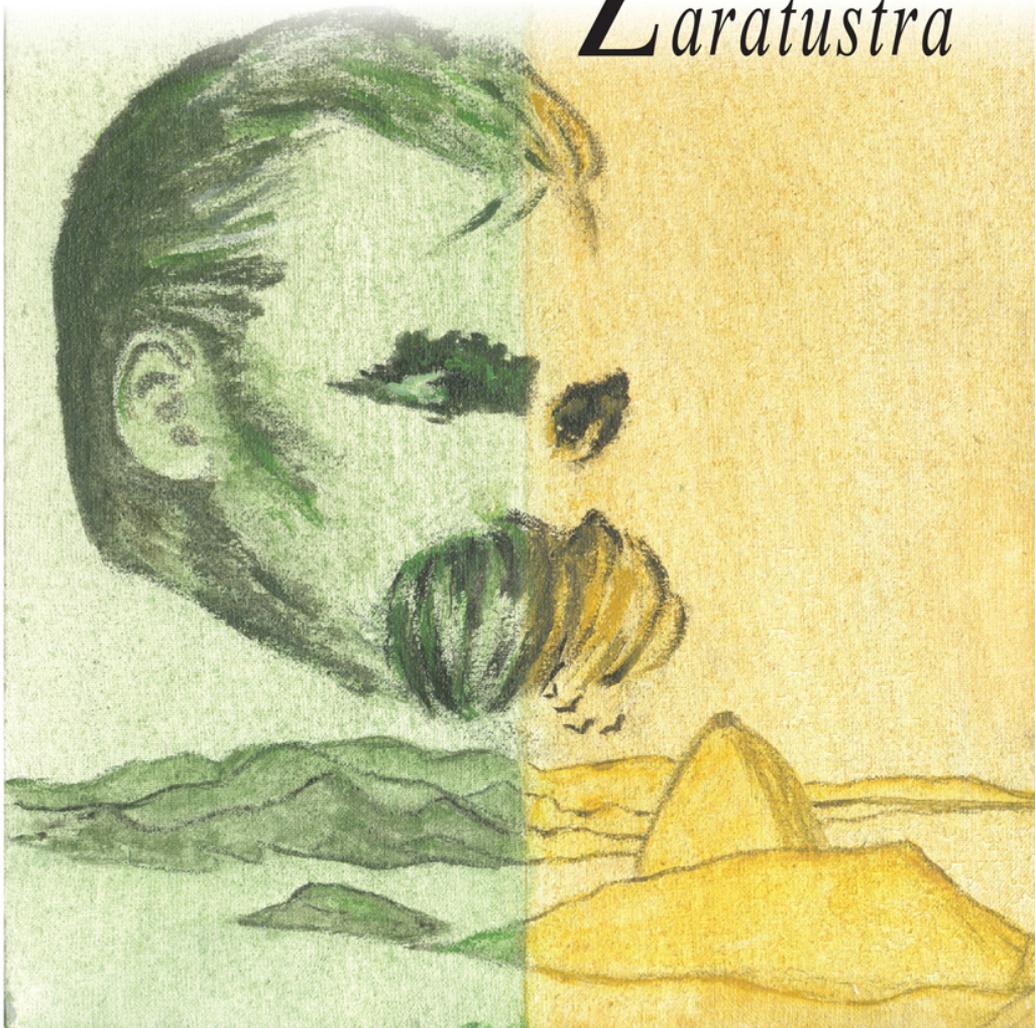


Rosa Dias 卐 Sabina Vanderlei 卐 Tiago Barros  
organizadores

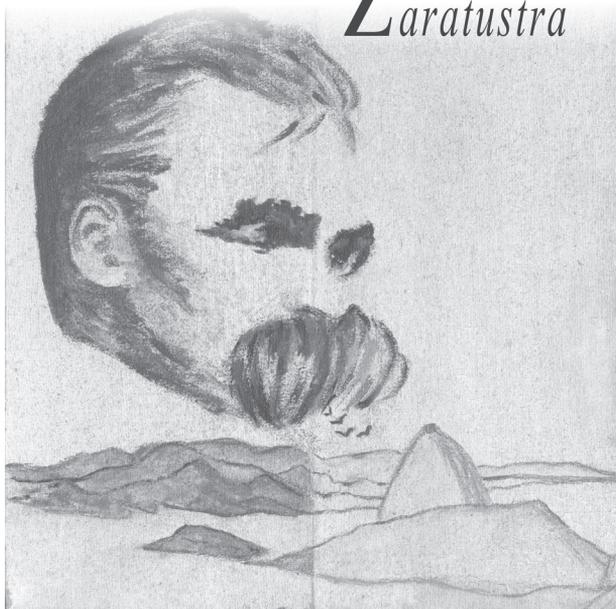
*Leituras de* **Z**arathustra



*Mauad X*

Rosa Dias & Sabina Vanderlei & Tiago Barros  
organizadores

*Leituras de* **Z**aratustra



*Mauad X*

Copyright © by

Rosa Dias, Sabina Vanderlei, Tiago Barros et al., 2011

Direitos desta edição reservados à

MAUAD Editora Ltda.

Rua Joaquim Silva, 98, 5º andar — Lapa — Rio de Janeiro — RJ — CEP: 20241-110

Tel.: (21) 3479.7422 — Fax: (21) 3479.7400

www.mauad.com.br

em coedição com

Faperj – Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa  
do Estado do Rio de Janeiro — Av. Erasmo Braga, 118, 6º andar – Centro

Rio de Janeiro – RJ – CEP: 20020-000

Tel.: (21) 3231.2929 – Fax: (21) 2533.4453

www.faperj.br

### Nota dos editores

Excepcionalmente nesta obra a Editora, por solicitação dos organizadores, não padronizou o livro pelas normas da ABNT, optando por seguir suas orientações com relação à forma e localização das notas e referências bibliográficas.

*Revisão (ortográfica e gramatical):*

João Sette Camara

*Projeto Gráfico:*

Núcleo de Arte/Mauad Editora

*Imagem da Capa:*

“Retrato de Nietzsche”

Daniela Aparecida Gavaldão

*Agradecimento à Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo  
à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro – Faperj, pelo apoio recebido.*

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

L557

Leituras de Zaratustra / Rosa Dias, Sabina Vanderlei, Tiago Barros, organizadores. - Rio de Janeiro : Mauad X : FAPERJ, 2011.

Pesquisas de grupo de estudos, realizadas no período de 2006 a 2009 no Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Inclui bibliografia e índice

ISBN 978-85-7478-544-8

1. Nietzsche, Friedrich Wilhelm, 1844-1900. Assim falou Zaratustra. 2. Nihilismo (Filosofia). 3. Filosofia - História. 4. Filosofia alemã. I. Dias, Rosa Maria. II. Ribeiro, Sabina Vanderlei. III. Barros, Tiago Mota da Silva. IV. Fundação Carlos Chagas de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro.

11-6730.

CDD: 193

CDU: 1(43)

# Vida perfeita. Morte perfeita

*Gilvan Fogel*

## 1.

“Eu vos mostro a morte que aperfeiçoa, que se torna, para o vivo, um aguilhão e uma promessa. ... Sua morte morre aquele que se aperfeiçoa ... É preciso aprender a morrer assim ... Morrer assim é o melhor; o segundo, porém, é: morrer em combate e prodigalizar uma alma grande ... Eu vos louvo minha morte, a morte livre, que me vem, porque *eu* quero”.

O texto citado é uma passagem da parte I de *Assim falava Zaratustra*. Encontra-se no discurso intitulado “Vom freien Tode”, *Da morte livre*, isto é, *sobre a morte livre, a respeito da morte livre, talvez, melhor, a partir da morte livre*. Antes de mais nada, este título não fala, como poderia parecer a algum apressado e em dia com as coisas de hoje, do direito de livre escolha da morte, não é defesa do suicídio e também não é apologia da boa morte, da morte *assistida*, que seria a eutanásia. Antes, o título quer dizer: *A respeito da liberdade para a morte* – livre para a morte, livre na morte. Mas o que significa isso?

Tanto no título quanto no corpo do discurso, morte não fala de um final de linha, no sentido, talvez, de se atingir um ponto de chegada, um objetivo (ou uma meta) pré- e pro-posto. Assim, este objetivo, que seria a realização da vida, este fim ou meta (sentido, ideal) estaria *fora*, para além da própria vida. Morte, no título e no discurso citados, também não fala de nenhuma transição, de nenhuma passagem para alguma imaginada, desejada, aspirada ou sonhada sobrevida, além vida. Morte, aqui, também não é destruição, ruína. Não é o fim, o desfecho da vida animal, não é o fechamento do ciclo biológico, não é o colapso das funções vitais (bio-fisiológicas, neurológicas), não é a “falência múltipla dos órgãos”, em alguma UTI.

Morte, aqui, fala de *perfeição*, de *cumulação* – “Eu vos mostro a morte que cumula, que aperfeiçoa”, *den vollbringenden Tod*, isto é, a morte que não é outra coisa senão a vida que vem a si própria toda *cheia*, toda *cumulada* (“voll”) de si

própria. E o que significa isso? Como? O que quer que seja e como quer que seja, o primeiro a se considerar é que tal morte é *coisa* de, da vida e não *fora dela*. Portanto, *coisa* que deve, que precisa ser experiência na, da vida. Morte, sendo o *cheio*, o pleno, parece ser o que vida é, o que vem a ser, o que pode, melhor, o que vida *precisa* ser ou vir a ser.

Mas, afinal, o que é, o que significa tudo isso? Como? Para tentar entender, vamos começar com a última frase citada anteriormente.

## 2.

Zaratustra diz: “Eu vos louvo a minha morte, a morte livre, que vem a mim porque *eu quero*”.

O *eu*, que é quem diz *quero*, é Zaratustra. E Zaratustra não é um eu qualquer. Ele é o porta-voz de vida, isto é, a fala da própria vida, quando esta dialoga consigo mesma, ou seja, quando se pensa, pois pensar, filosofar, já disse Platão, é o diálogo da alma (*psyché*, *vida*) consigo mesma. É vida, desde si, falando de si e para si – expondo-se, auto-expondo-se.

Assim sendo, quando diz “a morte que vem a mim porque *eu quero*”, é a morte que a própria vida quer – “eu vos louvo a *minha* morte”, isto é, a morte que é própria de vida, que vem ao encontro de vida, assim cumulando-a, aperfeiçoando-a. Assim, esta morte é constitutiva de vida, a perfaz essencialmente, levando-a ou trazendo-a assim à perfeição – um “voll-bringender Tod”. É, portanto, a morte que, em vindo ou sobrevivendo à vida, faz da vida ainda *mais* vida ou mesmo *toda* a vida, no sentido que esta se enche toda, vem a ser toda, se cumula em auto-a-perfeiçoamento. Morte que faz, que torna vida perfeita – e isso *porque livre!*? João é João, Pedro é Pedro, maximamente João e maximamente Pedro à medida que cada qual participe deste jogo da vida, à medida que cada qual se faça *lugar*, *hora* e testemunha (mártir!) deste modo radical ou essencial de vida, de viver, quer dizer, de ser, de existir. E, lembremos: *modo essencial* significa o modo, a via pela qual vida realiza ou concretiza sua essência, isto que ela própria e realmente é, a saber, *verdade e história*. Esperemos, no entanto.

Por outro lado, quando diz “*eu quero*”, a tendência é ouvir-se neste “quero” um ato de vontade própria, no sentido de uma decisão ou de uma deliberação do eu, subentendendo-se sob eu um indivíduo, uma pessoa, e sob indivíduo ou pessoa entende-se uma consciência autônoma, uma subjetividade em si. O “quero” seria a expressão da faculdade ou do poder da vontade, uma delibe-

ração livre (livre arbítrio) desta faculdade ou poder – o eu. Nesta direção, o “quero” tem um *ar* de autoridade, mais, um ranço de autoritarismo e de voluntarismo, um tom de ato imperativo e *mandão*, irradiando-se deste “quero” o lado heroico, heroicista, de peito estufado, bazofeiro. É caricatural, mas o espírito costuma ser este.

No entanto, é preciso ouvir neste “quero” do “*eu quero*” outra coisa. Não sendo a expressão da *faculdade autônoma da vontade*, o acento no quero (do latim *quaero, quaerere*) deve recair em busca, procura, pois “quero” (*quaerere*) diz isso: buscar, procurar, pôr-se à busca, à procura. Mas esta busca, por seu lado, não se faz como uma corrida atrás de um objetivo, de um ideal ou de um *sentido* previamente posto por um sujeito, fixado como meta *fora* da própria ação, ou seja, da própria busca ou procura. Antes, esta busca se caracteriza como um movimento que já é movido e promovido pelo próprio buscado, pela própria *coisa* procurada ou querida. Trata-se, pois, de uma busca que se faz, que já se faz a partir disso mesmo que se busca ou se procura. Então, de algum modo, eu já *achei* antes mesmo de me pôr à busca ou à procura. De algum modo, eu já me encontro na *coisa*. Antes de meta estabelecida (ideal) e fixada à frente (*fora*), o buscado está como que *atrás* (dentro!) da própria busca, vindo como sua força de pro-moção. É desta forma que *alguém* se põe à busca ou à procura de seu próprio interesse, de sua própria força. É assim, sob esta lei, que se cumpre o imperativo “vem a ser o que tu és”. Vida, toda e qualquer vida, se faz ou se dá sempre desde e como a ação, a atividade de um interesse (vida é movimento de auto-exposição de *inter-esse*), desde e como esta força mobilizadora, realizadora. Um tal interesse ou modo de ser, tal como o tempo, pois ele é tempo, é o próprio escultor da vida no seu jogo de aparecer e fazer-se visível, de realizar-se ou auto-expor-se.

Assim, “a morte que *eu quero*” quer dizer: a morte que busco, que procuro. *Sou e estou* na busca ou procura da morte, à medida que estou *no* e sou o movimento de vir a ser o interesse (o modo de ser, o verbo, o afeto), o poder ou a força que sou e, então, o que posso, na verdade, o que *preciso* ser. O *só* e mesmo o único que preciso fazer meu, que preciso fazer vir a ser *como* eu, isto é, como minha identidade ou *próprio* (identidade ou próprio é, aqui, o sentido de eu). É neste movimento ou nesta dinâmica, neste tipo (estrutura) de ação ou de atividade que morte é sempre, a cada passo, cumulação, no sentido que é realização de *tudo* que vida *pode*, respectivamente, de tudo que precisa ser feito *aqui e agora*, de tudo que, agora e aqui, precisa tornar-se, vir a ser. Então, por que morte? Como morte? É, sim, morte como fim. Mas fim como cumulação ou perfeição. Justo isso, porém, é que é preciso esclarecer.

### 3.

Morte como cumulação, como perfeição. Para se entender isso, é preciso que se entenda vida como cumprimento, como realização de possível, isto é, de possibilidade. Possibilidade diz um verbo no e do existir, viver. E possibilidade, por sua vez, se determina como disposição, antes, pré-disposição, que pode ser dita ainda como *aptidão para*. Aptidão significa disposição inata, mas este inato não significa bio-genético, e sim, próprio da situação, da condição humana. Ou seja: é da essência do homem ser apto para, isto é, ser na e como possibilidade. Em sendo aptidão (possibilidade), vida, existência, é *aberta* ou *livre para*, ou seja, apta, disposta, pré-disposta a *soltar* ou *liberar* uma, esta ou aquela possibilidade de ser, na qual se está, a qual se é.

Assim sendo, também liberdade não é uma faculdade ou propriedade, uma capacidade subjacente e preexistente em si, no fundo, no âmago, na *essência* do homem, mas só e tão só esta disposição ou *aptidão para liberar* ou libertar um possível modo de ser. E esta liberação se cumpre à medida que se age, que se atua ou se faz. Portanto, somente na e como ação ou atividade. Na ação ou na atividade que é a vida. Ação ou atividade de exposição, de auto-exposição da possibilidade, da aptidão ou, ainda, da força que é. Então, liberdade não é um algo ou uma coisa sub ou pré-existente, mas uma realização e, assim, uma *conquista*, que coincide com o próprio movimento de auto-realização, de auto-exposição de vida, de existência. Portanto, liberação de poder-ser, de possibilidade de ser, que também pode e precisa ser entendida como realização de interesse, de *perspectiva*, isto é, de fazer-se ou tornar-se visível na história (ação, atividade), como história.

Nesta estruturação, é preciso entender perfeito, perfeição, que é per-facção, per-fazimento, ou seja, um fazer através, ao longo e até o fim, no sentido de percorrer ou atravessar todo um percurso, todo um caminho, *fazendo*. A cada passo, fazer ao longo de, per-fazer – daí o per-feito, a per-feição.

Costuma-se entender perfeito e perfeição como o pronto e o acabado, como o todo feito, de modo que não há nenhuma falha, nenhum defeito ou falta. E entende-se ou subentende-se ainda este pronto e acabado como a consecução de um fim, no sentido de meta, pré- e pro-posto, de um objetivo prefixado. Nesta direção, o perfeito seria a correspondência, a correta adaptação a um *conceito*, melhor, o preenchimento de um molde ou padrão, que é o fim (meta, sentido, ideal) prefixado.

Perfeito, perfeição, no sentido de perfacção ou perfazimento, porém, não se faz como este fim (ou meta) prefixado, antecipado como *sentido* fora da

própria ação, do próprio fazer. O que abre e instaura perfeito e perfeição como perfacção ou perfazimento é o *fato* de se ser (de o homem, de um homem ser) *livre para...* a possibilidade própria. E: “Vem a ser o que tu és”, isto é, torna-te a possibilidade ou o ser possível que és. Isso é o princípio, o fundamento da *história*, à medida que história é o temporalizar-se (aqui entra o problema do tempo e de sua gênese) deste acontecimento, deste modo de ser arcaico, fundador. É preciso ter em mente que possibilidade não é um fim previamente estabelecido, uma meta (sentido, ideal) prefixada, mas, enquanto um modo de ser ou um verbo no/do viver ou existir, possibilidade se constitui como uma abertura, como uma *arché* fundante (portanto, *algo* que está *atrás*, às costas do homem), que sobrevem ao homem, que o toma, dele se apoderando ou se apropriando, e o usa para ela, a possibilidade, enquanto o exercício transcendente de vida (auto-exposição), se realizar, se cumprir. A possibilidade é o elemento, o *medium* de vida, de existência.

Neste quadro, evidencia-se que não basta ser *livre de* (a chamada liberdade negativa), isto é, não basta estar desobstaculizado de algum impedimento coercitivo, desobrigado ou *aliviado* de algum jugo ou canga que, assim de fora, impede vida de se realizar, de se cumprir. É decisivo, porém, ser *livre para*. Este *para* quer dizer: ser aberto, apto, disposto, antes, pré-disposto a realizar, a cumprir uma possibilidade (um modo de ser, *verbo* do/no existir), que se mostra, que igualmente se revela ou se abre. Assim, em outra parte, lê-se no *Zaratustra*:

És uma nova força e um novo direito? [...] Dizes-te livre? Quero ouvir teus pensamentos dominantes e não que escapaste de um jugo. És um tal que *tenhas direito* a escapar de um jugo? Há aqueles que, ao jogarem fora [ao se desfazerem de] sua condição de servo, jogam fora seu último valor. Livre *de quê?* Que importa isso a Zaratustra? Clara, limpidamente, deve dizer-me teu olho: *livre para quê?*<sup>1</sup>

#### 4.

Foi perguntado: “És uma nova *força* e um novo *direito*?” *Força* diz poder-ser ou possibilidade de ser de vida. E isso é, precisa ser ou tornar-se um *direito*, isto é, uma prerrogativa e uma *razão de ser*, uma absoluta necessidade ou um *destino*. E é preciso *reivindicar* com toda força, com toda determinação o que se é, a saber, a possibilidade (o *direito*) que se é, que se precisa vir a ser. Este

---

<sup>1</sup> NIETZSCHE, F. *Assim falava Zaratustra*, parte I, “O caminho do Criador”.

*precisar* não é uma imposição estranha, externa, mas é por aquiescência ao necessário. Então, por amor próprio. Aqui e assim forja-se a liberdade nobre, aristocrática, que é a liberdade sob a lei. A força própria, o direito (dever) próprio é a lei, a lei própria ou o próprio destino. Não destino como fatalidade, fatalismo, mas destino como história, e esta não no sentido de historiografia, de *coisas do passado*, mas como o *acontecer* e o expor-se ou *liberar-se* de força, de possibilidade e de direito, isto é, de prerrogativa, de razão de ser, de *fundamento*.

Mas foi perguntado: “És uma *nova* força e um *novo* direito?” Por que *nova*, *novo*? No repertório das forças, dos *verbos* ou das possibilidades de vida, as quais se configuram, precisam se configurar como *direitos*, não há novidades. Dito de outro modo: no âmbito dos *verbos*, que constituem o humano viver ou existir, não há coisas, isto é, possibilidades, novidadeiras. Na verdade, tais possibilidades, tais verbos, constituem o mais velho, o mais antigo – o antiquíssimo. São o arcaico, o fundador e o sempre inaugural, re-novador, re-vigorador. O novo, a novidade é o modo como aqui e agora tal força, tal possibilidade se faz, se realiza, se concretiza. O novo é o fato de que tal força, tal possibilidade e direito, aqui, agora, concretiza-se, realiza-se como *minha* força, como *minha* possibilidade. O novo é o diferente, o outro, a diferenciação, a alteridade na singularidade do *meu*, da *minha* vida ou existência. O novo é que tal força, tal possibilidade *sou eu mesmo*. Não o eu como o sujeito ou o autor de tal força ou possibilidade, mas *eu* já como a singularíssima, a individualíssima obra da ação desta força, deste direito e destino. Portanto, porque é *eu* e *meu*, por isso, que é ou vem a ser uma *nova* força, um *novo* direito, no qual *eue meu* falam de uma possível *outra* (nova!) realização de força, de direito, enfim, da própria vida. Isso, esta *nova* realização, precisa se cumprir, se realizar ou se mostrar, quer dizer, evidenciar-se ou vir à luz – fazer-se visível. O *novo* está no *eu* e no *meu*, no sentido de uma *outra* (nova) e necessária encarnação ou singularização da vida. Assim vida é *outra* (nova) sendo insistentemente a mesma (velha!).

Aquele que *não* é uma tal nova força (destino) e um tal novo direito (destino!) não pode desfazer-se, não pode desobstaculizar-se ou desobrigar-se de um jugo, de uma peia – leia-se: de um dever ser e de um precisar ser *externos*, isto é, impostos desde fora, como coação e coerção. Portanto, nada que venha, que se faça desde dentro, desde a própria força (possibilidade). Este que assim é ou está coagido, tão só se libertando *de* isso, isto é, do jugo, não tem ainda, não é ainda nenhum *para*, nenhuma possibilidade ou destino *para* se lançar. Perdendo o jugo, a coação externa, perde tudo. Ou seja, faz-se, torna-se inerte – vira um zero. Nada. Isso, na suposição radical que vida é, precisa, só pode ser ação, atividade *espontânea*. É por isso que este, ao jogar fora sua condição de

servo, de servil, joga fora seu último valor, isto é, sua última força, sua última determinação, ou seja, sua última e única possibilidade de ser, de vir a ser, ainda que orientado, comandado *de fora*, por *outro* que não a transcendência de si próprio ou da própria força, do próprio direito, cunhador de uma identidade e de um próprio, de um destino, isto é, forjador de uma liberdade.

Portanto, não *livre de quê*, mas *livre para quê* é o que *importa*, ou seja, o que pesa, o que põe e impõe, isto é, põe para *dentro* (próprio); é isso o que *decide* na e para a vida criadora, geradora... de vida. É, pois, neste contexto de perfazimento, de livre para... a possibilidade própria, que é preciso se ler e ouvir aquela fala de Zaratustra, que é fala da própria vida: “Eu vos mostro a morte perfeita, a morte que aperfeiçoa”. É preciso co-ver, uma vez que está co-mostrado e co-falado, vida como o cumprir-se de possibilidade, como abertura (aptidão, pré-disposição) ou liberdade para possibilidade, e isto ainda como disposição ou apetite de fazer, de realizar, de cumprir, desde escuta e consentimento ou assentimento (obediência), esta possibilidade própria, este *direito*, esta necessidade e este destino. Isso, este modo de ser, gera caminho como per-feição, como perfazimento, melhor, como a-per-feiçoamento.

Porque é, porque precisa ser liberdade para, a passagem citada diz ainda: “Dizes-te livre? Quero ouvir teus pensamentos dominantes e não que escapeste de um jugo”. “Pensamentos dominantes” (“herrscheden Gedanken”) não é *coisa* pensada, isto é, nada representado clara e distintamente e, neste sentido, nada consciente. “Pensamentos dominantes”, assim no plural, fala de uma *força*, de um *direito* (isto é, de um modo de ser) que está assumido, incorporado, encarnado e, por isso e assim, de tal modo entranhado na vida que atravessa, percorre e perfaz todo um viver, todo um existir, de modo que vai tudo pontuando e que tudo que se faz ou vem a se fazer evidencia-se ser a concretização ou a realização deste modo de ser, desta espontaneidade vital. Tal modo de ser impera, impõe, dirige, conduz – é um “pensamento dominante”.

## 5.

Liberdade *para* é movimento de liberação de uma força, de uma possibilidade. Liberdade é esta liberação que, a cada passo, vai evidenciando, isto é, tornando mais nítido um envio, uma história, enfim, um destino. Igualmente assim, neste movimento, se faz verdade, à medida que se entende sob verdade *alétheia*, desencobrimento, desocultamento, isto é, história enquanto e como liberação de possibilidade para possibilidade.

Para liberdade se fazer – pois liberdade faz-se, *conquista-se* – ou se realizar, para que se dê liberação *para* é preciso que se crie vínculos, obrigações, atamentos. Criar vínculo ou atamento, isto é, compromisso, com o destino, quer dizer, com a força, com a possibilidade, com o *inter-esse*. Trata-se de criar vínculos, de ligar-se essencialmente com as *coisas* constitutivas de um destino, de um envio. *Coisas*, aqui, são os passos, as *decisões*.

No prólogo do *Zaratustra*, ouve-se: “Amo aquele que não quer ter demasiadas virtudes. Uma virtude é mais virtude do que duas, porque é mais nó, no qual se ata o destino”.<sup>2</sup> Vida diz: “Amo aquele que” e isso quer dizer: “Quero (busco) aquele que”. Vida, indo ao encontro de si própria, vindo a ser o que é, quer, busca *uma* virtude, isto é, uma força, possibilidade. E uma virtude (força, possibilidade) é *mais* virtude, mais força do que duas, pois, parece, uma só virtude *confunde* menos. Por outro lado, uma virtude pode, na verdade, *precisa* ser tudo, isto é, numa, desde uma e como uma virtude tudo pode se revelar, se mostrar, ou seja, liberar-se. E isso, porém, só acontece, se se faz, se se cumpre, se se realiza. Ou seja, se nos entregamos, nos abandonamos ao fazer-se e cumprir-se deste destino, deste envio, desta história (verdade, *alétheia*).

Uma virtude é mais virtude do que duas, pois uma só é mais atenção, mais concentração, mais intensidade. Assim e por isso mais e melhor se cunha, se forja o envio, o destino, expondo-se. Tem-se, desse modo, um movimento, uma dinâmica de vida que não é livrar-se ou escapar de (um jugo, uma peia), mas um abrir-se para (uma possibilidade), um dispor-se ou predispor-se para a liberação de uma possibilidade que, então, cria, põe e impõe vínculos, obrigações, compromissos, deveres. O nobre, o aristocrata, se impõe deveres, isto é, se rege desde transcendências. Mais uma vez: liberdade sob a lei, que é a liberdade nobre, aristocrática. Nobre, aristocrata, aqui, fala de uma *têmpera* vital, de constituição essencial ou ontológica do homem, e não evoca nenhuma categoria social, política ou econômica. Criando vínculos, obrigações, compromissos, a possibilidade (a virtude, a força) se agrava, se intensifica, se faz mais evidente e, assim, se faz mais força, mais destino. Por isso, em favor da evidência e da necessidade do destino, uma virtude é mais do que duas. O destino se evidencia, se faz ainda mais necessário e se faz ainda mais verdade à medida que mais e melhor se revela, se desvela, se expõe. O vínculo, o compromisso é maior, inalienável. *Mais*, calcado pela ênfase da repetição, aqui, não é nada quantitativo, mas *intensidade*, *agravamento*, *evidência de e no envio*, *de e no destino*.

---

<sup>2</sup> Cf. NIETZSCHE, F., *Assim falava Zaratustra*, Prólogo, n. 4

Toda esta estruturação de ação, de atividade, se faz ou se cumpre como liberdade para a morte, ou seja, abertura e liberação para a perfeição, que é o perfazimento, a perfacção do destino, da virtude, do interesse. Cada passo, cada ato é cumulação, *per-feição*.

## 6.

Cada passo, cada ato é cumulação, perfeição. Na vida, se se faz o que é *preciso* ser feito, então, o feito não é só “um pouco” ou “um pouquinho” frente ao “muito” que pode, poderia, deveria ou precisaria ser feito. Quando assim acontece, vêm a censura, a reprimenda e a subestimação amargas do pouco e do menos frente ao muito e ao muito mais. Mas não. Este pouco, irrompido do necessário, é tudo e todo. Completo. Perfeito. Mas tudo e todo, aqui, agora, não é para ser medido quantitativamente, com a fita métrica, segundo a ordem numérica infinita. Nada numérico, pois. O tudo e o todo, aqui, é o perfeito e o cumulado de cada passo, de cada ato, à medida que cada passo e cada ato é sempre o possível e, *então!*, o necessário.

Foi dito anteriormente: “Na vida, se se faz o que *precisa* ser feito” – o que precisa ser feito precisa ser o que se *pode* e o que se pode precisa ser o que se *quer*, o que é preciso querer, pois só posso querer, *só tenho o direito* de querer o que posso. Mais do que isso – querer o que por constituição e princípio não posso – já está no domínio da presunção, da arrogância, da *hybris*. E isso já constitui o próprio *inferno da vontade infinita* – da cobiça, da gula, do insaciável. Quando se quer o que se pode e quando se diz dever ser o único e o só que, por princípio e constituição ontológica, se pode ser – então, tem-se o perfeito ajuste de dever (ser), querer (ser) e poder (ser). Em suma, o perfeito ajuste com ser. Melhor: ser *ser* ajustado ou ajustadamente. E aí a perfeição, pois aí e assim se cumprem a satisfação e a saciedade no limite, no finito, que é a terra, a casa, a pátria do homem. Terra, casa, pátria são nomes outros para falar essência. A pátria do homem, a única pátria do homem é sua essência finita, sua finitude.

É este o pensamento, a experiência, isto é, a evidência, que sustenta e orienta a fala, melhor, que diz a fala: “Eu vos mostro a morte perfeita, a morte que aperfeiçoa, que se torna, para o vivo, um aguilhão e uma promessa. É preciso aprender a morrer assim ... Eu vos louvo *minha* morte, a morte livre, que me vem, porque *eu* quero”.

Tal querer é, sim, aguilhão e promessa, e não afã e cobiça, pois é o querer inútil e necessário, que caminha no perfeito ajuste com o poder (isto é, poder-

-ser), a possibilidade e o dever (isto é, dever-ser). Esta morte é livre, isto é, aberta, liberada *para isso, para este* modo de ser, que, sempre, a cada passo, se faz finito e, *então*, todo e perfeito. É morte uma vez que, a cada passo, é o cumprir-se ou o cumular-se de *todo* o possível, do só possível, *no* passo, *no* ato. Assim, cada passo é morte plena, cumulada, isto é, ato, atividade plena, pois a só e a única possível – *necessária*. Assim, a morte é a vida que se faz plena *porque possível*, a só possível, e, *porque possível*, necessária. Esta morte (vida) se torna festa, ou seja, uma alegria, uma consagração e uma bênção. “Todos dão importância à morte; no entanto, a morte ainda não é uma festa. Os homens ainda não aprenderam como se consagram as mais belas festas”.<sup>3</sup>

É preciso aprender a morrer *esta* morte, a viver *esta* vida. O aprendizado da festa que é, que precisa ser a morte, o aprendizado que irrompe com o saber – o ver, o experimentar, o saborear – da vida, da existência finita, que diz, que aquiesce: *quero*. A morte, a vida, é uma festa, isto é, no tempo certo o possível, que se faz necessário. O só possível, que é o só preciso. E entende-se agora a abertura do discurso “Da morte livre”, que diz: “Muitos morrem tarde demais e alguns cedo demais. Ainda soa estranho o ensinamento: *morre a tempo, no tempo certo*. Morre a tempo, no tempo certo – assim ensina Zaratustra. Mas, sem dúvida, quem nunca vive no tempo certo, como deveria morrer no tempo certo? Que jamais tivesse nascido!”<sup>4</sup>

## 7.

Que seja agora a hora de, à luz desta passagem de abertura do discurso “Da morte livre”, se tentar melhorar a compreensão, até agora tanto difusa quanto confusa, de vida e de morte, de nascer, viver e morrer. Primeiro, morte não é algo *fora* da vida, além vida. Vida não é algo, melhor, não é o *espaço* de tempo ou o *pedaço* entre nascimento e morte. Nascimento não é o *ainda não* de vida e morte o *já não mais* também de vida.

Nascimento, assim como morte, é uma dimensão, uma abertura, ou seja, uma possibilidade ou uma aptidão de vida. Melhor: uma pré-disposição de vida. Portanto, algo, *coisa* do estrito e exclusivo *interesse* de vida. Como já dissemos, não vida no sentido biológico, fisiológico, mas a vida banal e direta que dizemos ser o humano viver, o ser homem, o *ver*, que é ser sempre já aberto e disposto, pré-disposto *para*, isto é, *ser nascido para* e, neste sentido, vir à luz.

---

<sup>3</sup> NIETZSCHE, *Assim falava Zaratustra*, parte I, “Da morte livre”.

<sup>4</sup> Ibid.

Então, nascer, aqui, assim, não é coisa, isto é, acontecimento de maternidade (hospital, clínica médica) ou de obstetrícia, mas fala de *acordar*, de *despertar*, no sentido de *abrir-se* e *dispor-se* ou *predispor-se para*, ou seja, para um poder-ser ou para uma possibilidade. Melhor ainda: despertar, abrir-se, dispor-se e predispor-se para a possibilidade que é o próprio viver, para esta abertura ou disposição. Então, viver, nascer, é, de repente, abrir-se para esta tal abertura; dispor-se para esta tal disposição; ser, de repente, *para* e *na* possibilidade de tal possibilidade. Este é o verdadeiro sentido de nascimento do humano, do autêntico viver (existir) humano. É o sentido vital ou existencial, seja de nascer, seja de viver. E nisso, dentro disso, faz-se, dá-se o morrer.

Se isso, a saber, tal despertar, não acontece, então, diz a citação “Que jamais tivesse nascido!”. Aqui, agora, especificamente nesta passagem, nascer fala, sim, do parto, do parir ou ser parido. Ou seja, está dizendo o texto, se não nascer para a vida, se não despertar para uma possibilidade radical do viver, que é o viver real e autenticamente humano, então, melhor seria que não tivesse sido parido. Por quê? Pois, por ser homem, uma vez parido, para cumprir todo o humano na sua essência, na sua determinação essencial, é preciso despertar para um poder-ser necessário, é preciso tornar-se *livre para*, o que define o perfil de uma liberdade por se fazer, por se conquistar. Sim, se isso não acontece, melhor seria não ter sido parido – “Antes, jamais tivesse nascido!”.

Viver no tempo certo ou *a tempo* é ser *na* e *desde a* possibilidade própria, a saber, aquela para a qual se nasceu, se abriu ou se despertou. E este ser *na* ou *desde a* possibilidade própria é ser dirigido, *regido* por ela, sob a forma de ser sempre *na* e *desde a* *decisão* que envia e re-envia para a própria possibilidade, ao encontro e re-encontro de tal possibilidade, e de modo tal que esta insistentemente se repete, se retoma, se re-inaugura.

Mas viver assim é igualmente morrer no tempo certo (“Quem nunca vive no tempo certo, como deveria morrer no tempo certo?”<sup>5</sup>), melhor, viver assim é *conditio sine qua non* para poder morrer no tempo certo, pois, em tal decisão, a cada passo, finita e singularmente, se cumpre plenamente o ser para o fim – aí e assim o ser para o fim, a cada passo, a cada ato, singular e finitamente, *se consuma*. Morrer a tempo ou no tempo certo é, a cada passo, abrir mão do feito, do cumprido, em favor do *a fazer* ou *por fazer*. A cada passo, portanto, *finitamente*, pois, viver o fim, o acabamento como o todo e o tudo *possíveis* e, em abrindo mão do feito, re-abrir, re-instaurar o passo do *a fazer* ou *por fazer*.

---

<sup>5</sup> Ibid.

Morrer tarde demais ou cedo demais é não ser no tempo, na hora certa da decisão, que é, ao mesmo tempo, no mesmo ato, tempo de plenitude, de consumação e de despedida, de abandono, de abrir mão. Antes, cedo demais, é ou está verde; depois, tarde demais, é ou está podre. Sê a tempo, isto é, vive-morre no tempo certo. Isso ensina o saber de, da vida, que é o existir finito, isto é, no e desde o tempo da decisão. Sim, “Muitos morrem tarde demais e alguns cedo demais. Ainda soa estranho o ensinamento: *morre a tempo, no tempo certo*. Morre a tempo, no tempo certo – assim ensina Zaratustra. Mas, sem dúvida, quem nunca vive no tempo certo, como deveria (poderia) morrer no tempo certo? Que jamais tivesse nascido!”.<sup>6</sup>

## 8.

Ao abrir-se e despertar (nascer) para o nascer vital, existencial, acorda-se ou desperta-se para este ver e, então, acorda-se ou desperta-se para a morte, para *viver a própria morte*, pois vive a própria vida, e, então, a cada passo, *pode-se, precisa-se* viver a própria morte. Morte, aqui, diz fim. Melhor: iminência de fim, iminência de presença de ausência, à medida que é possibilidade de deixar de ser a possibilidade (necessidade!) que é. Expliquemos.

Este despertar para a possibilidade revela o insólito, o próprio da vida, da existência humana, de ser um precisar fazer – antes: precisar *fazer-se*. Quer dizer: vida, existência é, desde si mesma, ser o fazer de si mesma. Aqui, assim, o homem é “homo faber”, um autofazedor, um autofabricador de si mesmo. Nesta e como esta autorrealização, possibilidade vem a ser, isto é, se concretiza ou se realiza como a possibilidade que é. E é nesta configuração, nesta situação de concretização (realização de vida respectivamente de possibilidade), que igualmente se revela, *pode* se revelar a possibilidade da *não possibilidade*, isto é, a possibilidade da im-possibilidade, que é a possibilidade de deixar de ser, de deixar de existir, à medida que pode deixar de ser fazer, pode interromper-se o autofazer-se ou autorrealizar-se – *se não se faz*. Só é, só há, *se se faz*. Se não (se) faz, deixa de ser, *pode* não ser. Sim, ser é *fazer* ser. Fazer ser vir a ser.

Há que prestar atenção nisso, realmente ver isso, pois isso (a saber, o mostrar-se da possibilidade da im-possibilidade) não é pouca coisa. Não se trata de um mero jogo lógico-formal, *dialético*, de palavras. Não. Em questão está a evidência de uma terrível, de uma abissal realidade, qual seja, a hora ou o instante da vertical evidência de que vida, existência, *só há e só é* à medida e *só*

---

<sup>6</sup> Ibid.

à medida que se faz, que se autofaz; à medida e só à medida que é, que precisa ser ação, atividade a se fazer, a se cumprir. O “se”, reflexivo, médio, diz que a ação de fazer se volta sobre o sujeito da ação co-fazendo-o ou perfazendo-o no próprio ato e por causa do próprio ato de fazer, de auto-fazer-se. *Fora* disso, *sem* isso é nada, é sucumbir no vazio, no oco, no radical não-ser. Fim. Morte. Aí e assim se revela verticalmente o ser, o poder (precisar)-ser para o fim, para o *sentido* do fim. Mais uma vez se mostra que morte, aqui, não é morte biológica, não é o fim do ciclo biológico, neuro-vegetativo, mas, em sendo sentido, abertura, é a morte que se morre a cada passo, à medida que, a cada passo, se vive esta morte, isto é, se é (se está no) e assim se vive o sentido do fim, do acabamento, quer dizer, o sentido da possibilidade de não ser, da possibilidade de deixar de ser possibilidade (de ser). Enfim, revela-se, evidencia-se a possibilidade de, pura e simplesmente, não ser. É isso a possibilidade da impossibilidade.

E que vida, que existência seja, precise ser ação, atividade, diz igualmente que vida, que existência humana é *história*. Portanto, mais uma vez, que o homem é fazer, auto-fazer-se, mostra que o homem, que a vida humana não é *coisa* ou *algo* nenhum, mas *história*. O homem não tem, não é substância, no sentido de sub-estrato, de algum núcleo fixo ou pré-fixado, mas história. Ou, antes, se se quer, evidencia-se aqui que a substância (*ousia, essência*) do homem é história. História não como historiografia, ciência histórica, mas como constitutivo suceder, acontecer, devir ou vir-a-ser, isto é, “Geschichte”, de “geschehen”. Sendo histórico, o homem é esforço, empenho, tarefa. Estes são outros modos de se dizer que homem, vida humana, é ação, atividade. O real, todo real possível é desde e como ação ou atividade.

## 9.

Retomemos o final do item 7. Falava-se de decisão. Como é isso? O que é isso?

Quando, enquanto e como história, vive-se a própria morte, isto é, quando se está, a cada passo, na experiência do sentido do fim (da possibilidade do fim) – ou seja, quando isso se dá, a vida deixa de ser regida pela temporalidade sucessivo-linear, isto é, pela linearidade do antes, agora, depois (passado, presente, futuro), para ser regida pela temporalidade da decisão.

Vigendo a temporalidade da sucessão, entende-se vida como o espaço ou o intervalo *entre* o nascimento, de um lado, numa ponta da linha, e (+) a morte,

do outro lado, na outra ponta da linha. Neste *espaço-entre* vão fluindo, sucedendo do começo (nascimento) para o fim (morte) os *agoras*, que vão marcando e revigorando o viver como o não-mais-agora (passado) e (+) o ainda-não-agora (futuro). Neste esquema, estranhamente, tanto nascimento quanto morte estão *fora* da vida, ou seja, *antes* ou *depois*. Vida mesma aconteceria, se desenrolaria só no espaço, no intervalo *entre* nascimento e morte. A medida, aqui, é o tempo homogêneo, registrado no relógio, no cronômetro, que tudo já coisi-ficou e cristalizou uniforme ou homogeneamente num *agora*. O tempo, no entanto, só é homogêneo, isto é, in-diferente, a-pático (uma cifra, um número), para um ou para o relógio. Jamais, porém, para um homem, que cumpre o seu viver desde um real, autêntico interesse vital (abertura, possibilidade).

Na vigência do tempo homogêneo, sucessivo-linear, costuma importar ou pesar o acúmulo, o *mais* da capitalização, da engorda, ou seja, importa a evolução ou o progresso acumulativo. Neste esquema, costuma ainda imperar a meta fixada, pré-fixada, o fim ou o objetivo pré- e pro-posto, ao qual se almeja, se aspira – mais, se cobiça. O *agora*, o registro, o fixado, é o índice e a sucessão, ou a sequência não é outra coisa que a repetição-reprodução mecânica (automática) dos *agoras*, que vão sempre marcando a eterna separação e disjunção *entre* o passado (o não-mais-agora) e o futuro (o ainda-não-agora). Este tempo é, pode e precisa ser crono-metrado, registrado, fixado no relógio. Assim, o tempo tende, melhor, de fato passa a ser o fluir ou suceder (sequenciar-se) *indiferente, apático, objetivo* dos *agoras* fixados no relógio.

No entanto, como já se disse, a vida de um homem não é um relógio e o tempo só é igual, homogêneo (objetivo, indiferente, apático) para o relógio e não para a vida interessada, isto é, para a vida que, a cada passo, vive sua morte, pois morre (vive!) sua vida. Mas como isso? A vida é tempo. Tempo é vida. Cabe entender decisão e, desde decisão, crescimento, intensificação, como e desde auto-superação.

Temporalidade diz gênese do tempo ou o movimento do tempo se fazendo tempo e coincidindo com a dinâmica de auto-geração (= história) que é a vida, a existência humana. Pois bem, no tempo ou na temporalidade da decisão, o que *passa* não é a sucessão, isto é, a sequência do *agora* fixado, apático, indiferente, contado ou registrado no relógio, mas o que se passa (acontece, sucede!) é a repetição, no sentido preciso de re-tomada, da força, da possibilidade ou do interesse da própria vida ou que é a própria vida. Como isso?

Na vida, como o cumprimento de um real interesse, de uma autêntica (própria) possibilidade (portanto, em se vindo a ser o que se é), o que importa, o que pesa, é a decisão e não a indiferente sucessão (sequência) do apático

registro. E, na decisão, importa a *alteração* ou diferenciação (de novo, não a sucessão, a sequência) e, na alteração ou diferenciação, importa a *intensificação* ou o agravamento do destino (envio) e não o progresso, o *mais* e o *mais evoluído*, isto é, a soma, o mais gordo, o maior acúmulo, enfim, o quantitativo e o quantificado da e na acumulação.

Mas procuremos entender realmente isso, esta dinâmica ou este jogo.

## 10.

Decisão diz corte, separação. Na decisão, portanto, acontece cisão, dá-se separação – despedida. Na vida, numa vida, uma decisão, uma hora H, marca sempre o deixar ou abandonar uma posição, isto é, *algo* em que se está, *algo* que se é, para se lançar num outro *algo*, numa outra situação, outra concretização ou configuração desta mesma vida. Isso que se é ou no qual se está caracteriza uma segurança, um conforto, ao passo que *isso*, para o qual nos lançamos, define o incerto, o inseguro. Na decisão, pois, larga-se, abandona-se ou despede-se do que se é ou em que se está (o certo, o seguro) para se lançar, para se projetar no que será, no que se configurará como novo *lugar*, determinação ou morada e que sempre é sentido e entrevisto como o domínio do incerto, do inseguro. Por isso, toda decisão é situação de risco, melhor, *hora* de risco, instância de balanço *entre* certo e incerto, seguro e inseguro. O risco é justamente este *entre*, o balanço.

Na decisão, desde a situação ou o *algo* (a concretização) em que se está e que se é e mesmo despedindo-se deste *algo*, abandonando-o, o homem, provocado pelo próprio poder-ser que é, lança-se ou projeta-se para a situação ou o *algo* por vir, por ser ou tornar-se. Neste acontecimento simples, dá-se algo de insólito, de extraordinário, pois este projetar-se no por vir (que é o porvir, o futuro, a situação ou o *algo* que será, a concretização, na qual se instalará), desde o aqui e o agora, é, *no mesmo ato e como o mesmo ato*, um voltar, um re-tomar a possibilidade fundadora e promovedora *in statu nascendi*. O ir adiante, o lançar-se ou projetar-se, é, no mesmo ato, um retroceder, um retorno ou um passo atrás, e isso sempre desde o aqui e o agora, o qual se é, no qual se está e do qual a gente se despede, o qual a gente abandona. O modo próprio de ser deste tempo, desta temporalização, sua essência, pois, é a repetição, no sentido de re-tomada. Repetição ou retomada como retorno à fonte, para sempre de novo tomar, retomar a origem a força de transformação, de alteração, de diferenciação. Enfim, repete-se, retoma-se gênese e, assim, vida se evidencia como gênese – mais: como gênese de gênese. Auto-originar-se.

Esta hora, este tempo ou este instante de decisão (o *kairós*), portanto, é sempre retomada (repetição) da própria possibilidade (interesse) ou abertura. Retomada da possibilidade ao lançar-se, ao projetar-se para uma outra realização ou concretização, pois a possibilidade se fechou e assim se desfez como possibilidade à medida que se concretizou ou se realizou nesta e como esta concretização ou determinação e *porque* tal concretização ou determinação. Dissemos que na decisão e como decisão dá-se, faz-se separação. Agora é preciso dizer que, na decisão e como decisão, faz-se ou dá-se igualmente junção, *reatamento*, ou seja, junção ou reatamento com possibilidade, quer dizer, junção ou reatamento com destino, com necessidade. Assim, possibilidade se promove e persiste à medida que se altera (se diferencia, vem a ser outra) e porque se altera, à medida que se transforma ou se diferencia, e porque se diferencia e se transforma. Retomada de possibilidade, pois abandona, larga, despede-se de uma concretização ou realização desta possibilidade para se lançar a outra possível concretização desta mesma possibilidade, deste mesmo poder-ser. Assim, separa-se e junta-se ou reata-se no mesmo ato, no mesmo acontecimento. Assim se faz história, devir. Na decisão e como decisão (o *kairós*), a possibilidade (o próprio) vai (ou vem) ao encontro de si justo à medida que se separa de si (*despede-se!*), assim se auto-ultra-passando, se auto-superando. Auto-superação ou auto-ultra-passage é o movimento da vida, sua dinâmica, enquanto movimento que, desde si mesmo, move a si mesmo. O “si mesmo”, o próprio de vida, é a própria irrupção abissal da possibilidade, o acontecimento possibilidade *ou* “a realidade da liberdade”.

Vê-se, pois, que nesta estrutura o que conta, o que importa não é a sucessão e, na sucessão, o progresso (ou o conseqüente regresso, visto como decadência, degradação, degeneração), entendido como soma, como acúmulo, mas, sim, importa mesmo é a diferenciação, a alteração (o vir a ser outro), pois a cada instante, melhor, a cada ato ou ação interessada(o), é sempre o mesmo, a saber, a possibilidade, que se diferencia, que se altera e, assim, é sempre, a cada passo, a cada ato, *tudo e todo*. Perfeito, perfeição. É tudo, entenda-se, não no sentido acumulativo ou somativo, mas tudo e todo porque concretiza o só que, aqui, agora e assim, nesta configuração singular ou finita, *pode* ser. Este tudo e todo que *pode* ser é reivindicado como absoluta necessidade, como intransferível destino. A vida, enquanto cumprimento de destino (possibilidade), cresce e se intensifica, ganha mais evidência no seu envio ou na sua destinação. Ela fica ou faz-se mais simples e mais intensa, porém *não progride*, não engorda, também não decai, degenera. Ela vai se fazendo mais simples, mais sóbria, mais econômica – mais seca. Alma seca é a melhor e a mais perfeita...<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> Cf. HERÁCLITO, fragmento 118, Diels.

Na decisão e como decisão se realiza, a cada passo, a cada ato, o *eu quero*. O “quero” que se lança na possibilidade-necessidade. Este lançar-se (buscar, querer) se faz como obediência (isto é, escuta ao destino, à possibilidade própria) e assentimento. Que não se entenda e não se ouça, porém, no cumprimento deste “eu quero” a obstinação e a teimosia, a recalcitrância, do voluntarismo e do heroísmo de um ato consciente e deliberado, mas, ao contrário, trata-se do espontâneo aflorar de um destino em via de si mesmo – vem a ser o que tu és. Assim pois, nesta configuração ou estrutura, cumpre-se o “Eu vos louvo minha morte, a morte livre, que me vem, porque *eu quero*”.

O “eu” grifado não personifica um sujeito que seria o autor do ato de querer, mas a instância, a hora da escuta, da obediência, ou seja, do acolhimento e do cumprimento da necessidade, a saber, da possibilidade que se impõe. “Eu”, “eu quero”, assim, é *amor fati*. “*Amor fati*” é liberdade, isto é, livre para a morte, ou seja, aberto, disposto, pré-disposto ou apto para, a cada passo, a cada ato, a *consumação*, o todo e o tudo *no ato*, no singular, que é a concretização ou a realização possível. Aí e assim, a perfeição. O homem todo, íntegro, inteiriçado no ato, no singular, no pobre e no pouco – no só que *pode ser*. E isso é preciso, o só preciso ou necessário. Sempre só no possível, como possível, que é o só necessário. Sem cobiça, sem sanha, sem grima que, desde o acolhimento do possível, do só possível, foi perdida, abandonada, desaprendida, esquecida...

Sim, a morte “que é quando um homem vem inteiro pronto de suas próprias profundezas”.<sup>8</sup> A profundidade de um homem, de uma vida, é sempre o abissal da possibilidade que aflora e que, espontaneamente, *livremente*, se cumpre. Assim, a profundidade é, mais uma vez, o destino, a possibilidade que se faz, que irrompe desde nada e é por nada, para nada. Sim, uma profundidade abissal, que é toda só superfície. Doação, pura doação. O homem, o destinatário desta doação, precisa, só pode ser grataidão. Sim, acolhimento à transcendência.

E, recordando a passagem citada na abertura, para viver-morrer perfeitamente é preciso uma alma grande, é preciso magnanimidade. Alma grande para gastar, esbanjar, prodigalizar. Uma alma tão grande que seja sempre a doadora plácida. Vida é a eterna, plácida doadora. O “grande”, de “alma

---

<sup>8</sup> Cf. Guimarães Rosa, em discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, quando, referindo-se à morte de seu antecessor, João Neves da Fontoura, escreveu: “Foi há mais de 4 anos a recém. Vésper luzindo, ele cumprira. De repente, morreu: que é quando um homem vem inteiro pronto de suas próprias profundezas” (ROSA, Guimarães. *Em Memória de João Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, , 1968, p. 85).

grande”, fala da sobra, do transbordamento, da superabundância – o próprio da vida. E morrer sempre em combate, isto é, vivendo, sendo, existindo e, por isso e assim, na decisão, como decisão, sobrando, transbordando, prodigalizando.